

UMA ABORDAGEM CRÍTICA SOBRE O ESPORTE E MEIO AMBIENTE

Soraya Correa Domingues
Lísia Costa Gonçalves de Araújo
Andrize Ramires Costa
Marcelo Rocha Radicchi

RESUMO

Os fenômenos culturais são analisados para compreensão dos processos de produção que exploram de forma destruidora a natureza, neste trabalho buscaremos entender como as expressões do fenômeno esportivo da sociedade capitalista é uma parte do todo social que interfere na relação entre o ser humano e o ambiente, identificando possibilidades de mudanças no campo de intervenção da Educação Física a partir da abordagem epistemológica crítica, trazendo contribuições para alterar as relações esporte e ambiente, na sua complexidade cultura, economia e sociedade.

ABSTRACT

The cultural phenomena are examined to understand the production processes that operate on a destructive nature, this study attempts to understand how the expressions of the sporting phenomenon of capitalist society is a part of the social whole that interferes in the relationship between human beings and the environment, identifying possibilities for changes in the field of intervention of Physical Education from the critical epistemological approach, bringing contributions to change the sport and environment relations in their complexity culture, economy and society.

RESUMEN

Los fenómenos culturales son analizados para comprender los procesos de producción que operan en la naturaleza destructiva, este estudio intenta entender cómo las expresiones del fenómeno deportivo de la sociedad capitalista es una parte del todo social que interfiere en la relación entre los seres humanos y el medio ambiente, la identificación de posibilidades de cambios en el ámbito de la intervención de la Educación Física de la crítica epistemológica enfoque, con lo que las contribuciones a cambiar el deporte y el medio ambiente en su complejidad las relaciones cultura, la economía y la sociedad.

A questão ambiental é pauta para debate em diversas áreas do conhecimento e setores do mundo do trabalho, no atual contexto social ela é emergencial quando se trata em analisar os impactos das ações do ser humano em seu meio. Diversos fenômenos culturais são analisados quando se quer compreender os processos de produção que exploram de forma destruidora a natureza¹, neste trabalho buscaremos entender como as

¹ Sistemas ecológicos dos organismos este conceito é trabalho inicialmente por Darwin, colocando os seres como históricos e passíveis de mudanças de acordo com a relação que estabelece com o meio;

expressões do fenômeno esportivo da sociedade capitalista é uma parte do todo social que interfere na relação entre o ser humano e o ambiente, identificando possibilidades de mudanças no campo de intervenção da Educação Física a partir da abordagem epistemológica crítica.

Consideramos o tempo histórico da sociedade moderna, segundo Leis (1999), é nela que a atual condição de vida é insustentável, é nela que as atuais relações não apenas exploram, mas destroem fontes de energia, como os alimentos, a água, a terra, o ar, entre outros. Segundo o relatório da WWF de 2007², o mundo estará completamente diferente quanto às condições de vida planeta. Nesta mesma sociedade verifica-se a preocupação científica e tecnológica para avançar rumo ao desenvolvimento do mundo industrial globalizado e nem por isso, apesar da promessa de auto-regulação do capitalismo Marx (2000), ela demonstra ser uma estrutura que mantém equilíbrio entre a devastação e a preservação, gerando o que é chamado de Sociedade Insustentável.

A vasta destruição altera a vida humana resultando na necessidade de mobilizações em defesa do equilíbrio ecológico, sejam elas, individual ou coletiva, organizadas ou caóticas, governamentais ou não governamentais, globais ou locais, todas elas buscam soluções, que visam superar a atual forma de relação social e cultural com a natureza.

Nesse “movimento ambientalista” localizamos iniciativas em vários setores no mundo do trabalho e na produção do conhecimento, trataremos de analisar uma parte deste todo complexo, o fenômeno esportivo, relevante e expressivo na sociedade moderna e que pela sua influência cultural necessita ser repensado a partir da lógica ambientalista. O diálogo se estabelece com a área da Educação Física, principalmente por autores como Kunz (2003), Bracht (1999), Taffarel e Da Costa (1997), pois estes tratam da questão da alienação do ser humano e destruição do ambiente em decorrência das práticas esportivas, destacando, principalmente o esporte competitivo de alto-rendimento. Por isso pensamos que a abordagem crítica da Educação Física é extremamente relevante quando critica o esporte alienador capitalista e constrói possibilidades teórica-metodológicas conscientizadoras de que o esporte é formador, reformador ou revolucionário a depender da decisão política pedagógica assumida nas vivências e experiências. Reconhecendo ele como um tempo-espço contraditório em si mesmo, de alienação ou de emancipação, que necessita de aprofundamento teórico-prático das formas de expressão esportiva, buscando em sua lógica interna as determinações do modo de produção capitalista o impacto no ser humano e os limites das relações de trabalho³ no meio esportivo.

O entendimento do esporte como um espaço de possibilidades nos inclina a desenvolver estudos sobre soluções práticas e teóricas que o campo da Educação Física vem respondendo às problemáticas significativas relativas ao ser humano e ambiente. Nosso procedimento teórico-metodológico nos levou a realizar um movimento dialético entre revisão de literatura e intervenção na prática docente⁴ resultando no reconhecimento de que pela abordagem crítica da Educação Física, há propostas político-pedagógicas, como a superadora e a emancipatória que podem contribuir com o debate acerca das relações entre ser humano e natureza.

² O relatório pô de ser acessado na seguinte página:

http://assets.wwf.org.br/downloads/wwf_brasil___relatorio_anual_2007.pdf

³ Trabalho na concepção de Marx (2000), onde toda ação do ser humano é uma transformação da natureza. Entenda-se como Natureza algo que esta em constante transformação num sistema de co-organização no planeta.

⁴ Disciplina Atividade Curricular em Comunidade Cultura Corporal e Meio Ambiente desenvolvida por Soraya Corrêa Domingues, Ney Santos e Celi Taffarel nos anos de 2001 a 2006 na UFBA.

O esporte enquanto uma manifestação da cultura é um fenômeno social que deve ser questionado com maior radicalidade, e neste sentido os encontros mundiais em defesa do Meio Ambiente apontam como possibilidades atividades esportivas não destruidoras do Meio Ambiente⁵. Mas como essas atividades podem contribuir para alterar as relações entre ser humano e natureza, ainda parece não estar respondido.

SOBRE O SER HUMANO E A DESTRUIÇÃO AMBIENTAL

Numa perspectiva crítica, entendemos que a destruição da natureza se caracteriza primeiramente pela destruição das forças produtivas, ou seja, do próprio ser humano, nas dimensões da consciência, pelo processo de alienação e exploração do corpo físico. Por isso, para iniciar, é preciso destacar que a discussão sobre Esporte e Meio Ambiente deve ser situada no interior das formulações de organizações dos trabalhadores sobre acentuação da tendência a destruição das forças produtivas, natureza, homem, relações de produção, sob o modo de produção capitalista. Segundo o Acordo Internacional dos Trabalhadores e o Manifesto Ecosocialista⁶ da Europa os trabalhadores de grandes centros urbanos manifestam-se contra o capitalismo nas questões sobre: o desemprego estrutural, a destruição ambiental, os direitos humanos e individuais, as usinas nucleares, a possibilidade da guerra atômica, os acordos multilaterais de investimentos. Sendo que os trabalhadores da América Latina, Ásia e África reivindicam ainda condições objetivas de existência material, como alimentação, transporte, saúde e moradia.

Essas reações devem ser situadas também no interior dos movimentos ambientalistas que compreendem a ação entre o ser humano e a natureza, de forma complexa e contraditória, de ordem objetiva e subjetiva. Por fim, deve ser situado dentre os estudos científicos e de suas instituições a fundamentação sobre importância do equilíbrio ecológico, entendendo a complexidade, social, histórica e política e a representação de “ser e estar” em co-evolução no mundo. Destaca-se aí o trabalho de Darwin (2006) e recentemente do H. Maturana (2001).

Entre os estudos sociais, encontramos denúncias sobre “limites de crescimento” que eclodem na Europa, em vários países, destacando-se aí, acentuação da tendência a destruição Ambiental em decorrência das relações de exploração com a natureza, à exploração do trabalho e do trabalhador, pela reserva de mercado, pela perda de direitos sociais e, do Estado de Bem Estar Social. Trata-se dos recursos naturais básicos que fundamentam a economia em decomposição, desaparecimento e destruição, as fontes energéticas para a vida.

Em relatório técnico científico de Taffarel (1999) encontramos citações sobre o clube de Roma⁷, que na década de 70, denunciou a degradação do Meio Ambiente, produzida pelo atual desenvolvimento não sustentável e destaca as seguintes denúncias: a) ameaças à biodiversidade; b) efeito estufa; c) camada de ozônio; d) poluição do ar-água-solo; e) consumo excessivo de recursos.

⁵ Relatório do Comitê Olímpico 2008.

⁶ Manifesto Ecosocialista da Europa.

⁷ O Clube de Roma nasceu na década de 60, sendo marcado por uma série de encontros, visando analisar a situação mundial e oferecer previsões e soluções para o futuro da humanidade. Fonte <http://www.ibps.com.br> fragmento do texto história problema, desafios e probabilidade. Identificando que as reservas de matéria prima e energia estariam incompatíveis com a capacidade de reposição de recursos naturais e absorção dos resíduos dessa produção pelo planeta.

Por oferecer várias diretrizes em documentos para diversos os países, analisamos, a ONU⁸, em especial o documento da Agenda 21 produzido durante a “Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento” realizada em junho de 1992, no Rio de Janeiro na qual se lançou o importante conceito ambiental de “Desenvolvimento Sustentável”⁹, ampliando-se o debate em torno dos Movimentos Ambientistas e referindo-se sobre mudanças estruturais na cultura econômica e política.

Neste contexto de organizações governamentais e não-governamentais, formulações de documentos, tratadas e diretrizes foram destacadas considerações feitas pelo Comitê Olímpico no que diz respeito a parâmetros gerais sobre construções de novos espaços para práticas esportivas, conduta de atletas e de espectadores ao estarem em contato com atividades esportivas de alto rendimento. Reconhecemos a importância de tais iniciativas como tentativa de adequar o esporte aos padrões de organização sustentável, reconhecendo-o como um fenômeno cultural que sem limites, as suas práticas, contribuem para destruição ambiental. E a necessidade de formulação de um documento com parâmetros ambientais em Jogos Olímpicos expressa também o esporte não como um fenômeno com o “fim em si mesmo”, mas sim, uma das características da atual sociedade capitalista, com um contexto de lucro e de fonte de riqueza para o desenvolvimento econômico.

ALGUMAS ABORDAGENS SOBRE O ESPORTE E MEIO AMBIENTES

Entendemos que tais iniciativas têm seus limites quando buscam em geral reorganizar o esporte a partir de normas e códigos de ética que controlam a destruição ambiental causada por essa complexa atividade. Para analisar esses limites buscamos alguns autores no campo da Política, Educação e Direito Ambiental e destacamos o trabalho coletivo sobre Esporte e Meio Ambiente publicado em 1997, que analisa de forma complexa esta temática.

Esta obra nos mostrou os diversos caminhos para se compreender e criar novas perspectivas sobre o fenômeno esporte e ambiente, aprofundando em áreas distintas da Sociologia, Antropologia, Direito, Pedagogia, Política e Filosofia possibilidades de desenvolver técnicas para evitar a destruição ambiental. Neles foram feitas atribuições à ética e à conduta humana e mudanças sociais pelo processo da educação. Analisaremos algumas das abordagens a seguir.

Esta obra em geral afirma que há uma necessidade de propor soluções teóricas e práticas interdisciplinares para a preservação da vida no planeta. Para eles, é reconhecido que o esporte pode ser nocivo à natureza, principalmente quando praticados sem medidas de proteção para o ambiente, e não é possível buscar soluções internas no fenômeno, já que ele faz parte desta sociedade e também a constrói.

A maioria desses estudos analisados indica bons caminhos, porém limitados, como por exemplo, aponta para a ética educativa e regulativa. Cabe perguntar: O problema é ético, é educativo, é regulativo? Se o problema da destruição ambiental esta na relação que este esporte tem com seu meio, não seria necessário analisar como ele se relaciona com esse meio?

⁸ Organização das Nações Unidas.

⁹ Inicialmente é preciso esclarecer o que significa “desenvolvimento não-sustentável” e “desenvolvimento sustentável” Gadotti (2000). O balanço da literatura marxista, especialmente, mostra que a forma capital de relações sociais, evidência, neste final de século, indicadores deste “desenvolvimento não-sustentável” significando isto, esgotamento, exaustão desta forma de desenvolvimento. O problema crucial não é o “desenvolvimento não-sustentável” – mas sim, a lógica consumista e destrutiva do sistema capitalista.

Mas nas leituras tanto na obra de Desporto e Meio Ambiente quando nos documentos de organizações, identificamos uma predominância da abordagem ética. Como exemplo pode ser mencionado o estudo de Eckard Meinberg (in Da Costa, 1997) que afirma a necessidade de um modelo ético que simbolize a integração do homem com a natureza e este símbolo é o *Homo Ecologicus* que respeita seu corpo e que estabelece limites. É pertinente entender a partir daí, que as pessoas praticando esporte deveriam se comportar de modo a minimizar o conflito esporte e meio ambiente, e para que isto acontecesse, a educação é necessária: pois a ética depende da pedagogia, finaliza o autor.

O trabalho do Douglas A. Brown¹⁰ chama atenção para a abordagem ética na política do Comitê Internacional Olímpico (CIO) em relação ao Meio Ambiente. Estudando as idéias que constituem os discursos, ele identifica o diálogo filosófico e político e conclui que o CIO insere-se no discurso da ética ambiental. Neste sentido, estes documentos normatizam o comportamento humano nas atividades esportivas, mas não propõem uma alteração na lógica da relação entre ser humano e esporte.

A ética, como possibilidade de resolução entre as relações de destruição do esporte com o meio ambiente necessita de uma análise mais qualificada. A questão não é simples, para Chauí (1990), o retorno á ética na era do capital representa um mito da não-violência. A raiz da questão pode estar na desigualdade social econômica, base que estrutura a atual sociedade capitalista, o que jamais proporcionará um estado de conhecimento e democracia suficientes para garantir uma relação ética entre o ser humano e a natureza. Acrescenta que uma ação só será ética se for consciente, livre e responsável e; virtuosa se for realizada em conformidade com o bom e o justo, se for livre, necessariamente, autônoma, resultado de uma decisão interior ao próprio agente, não sendo uma obediência de ordem a uma pressão externa, muito menos a um código.

A questão de ética ambiental e do esporte, não se reduz a uma questão de código ético esportivo, pois estaríamos reduzindo as relações entre ser humano e natureza em regulamentações e fiscalizações. A regulação das atividades que proporcionam o consumo ativo da natureza não depende de um arsenal de normas de utilização e de comportamento seguido pelos atletas.

Um exemplo que pode demonstrar a impossibilidade da normatização ser a forma de restabelecer relações entre o ser humano e a natureza nas atividades esportivas é o estudo da Jesus apud Bruns (2003) que aponta uma problemática identificada em experiências de práticas esportivas em áreas de ecoturismo. A autora chama atenção para a questão da gestão em ecoturismo, sob o aspecto da leviana territorialidade dos esportes de aventura, afirmando que as práticas esportivas principalmente as que buscam uma reintegração entre o ser humano e a natureza são transitórias, estão sempre à procura de novos lugares preferencialmente virgens, além de estabelecer uma relação de destruição cultural nas comunidades onde se instalam. Essas características dificultam a fiscalização e o monitoramento nas áreas exploradas, e deixam margens para uma prática descompromissada com a ecologia.

Praticar esportes sendo regulamentado por uma ética ambiental não parece ser a solução do problema. Neste sentido, contribuições sociológicas dos autores como Hans Jägemann¹¹ e Charles Pigeassou¹² (in Da Costa, 1997) não ficam neste plano apenas,

¹⁰ Do Centro de Estudos Olímpicos da Universidade de Western Ontario, Canadá.

¹¹ Da Federação de Esportes da Alemanha – Departamento de Desenvolvimento e Facilitação do Esporte Hans foi dirigente do Jornal Sport Stutzt Umwelt (O esporte protege o meio ambiente) que em 1986, por iniciativa da DSB Federação Alemã de Esportes, inicia um Movimento a favor de proteção ambiental nas práticas esportivas.

¹² Da Universidade de Montpellier I, UFR STAPS, França.

oferecem uma determinada análise complexa ao abordar tal temática. O primeiro, a partir de uma abordagem mais sociológica, afirma que o esporte preserva a natureza quando dá mais alegria à vida do que causa problemas nocivos à ela e ao seu entorno. Aponta como solução a planificação e monitoração e ainda ações competentes pela educação ambiental. O segundo autor, a partir de uma abordagem sócio-histórica (in Da Costa, 1997) faz referência a paradigmas econômicos e a revolução cultural do tempo livre, ele admite que para compreender a trajetória do esporte é necessário realizar uma démarche sócio-histórica que se define a partir daí. Define esporte como um espelho da sociedade, em que se projetam seus fantasmas, valores, excessos, laboratório onde se passa uma intensa atividade social, admite o esporte como um processo de educação para a cidadania e suscita uma reflexão acerca da noção de natureza que hoje permeia as relações esportivas.

O processo de re-educação no espaço esportivo pode representar uma transformação da lógica interna de seu funcionamento. Alterando a alienação e degradação que o próprio atleta, o ser humano, passa quando é um praticante de alto rendimento.

As características degradantes do ser humano intrínsecas à atividade esportiva são destacadas, no Brasil, por exemplo, nos estudos do Kunz (2003), que chama atenção para dimensões inumanas das atividades de treinamento precoce, do doping no esporte de rendimento e da busca pelo talento esportivo. Essas dimensões são características que afastam a possibilidade de auto-conhecimento o que significa dizer que afasta o ser humano de si mesmo e conseqüentemente da natureza. Segundo Marx (2000), “o ser humano quando altera a natureza altera também a si mesmo”.

As exigências intrínsecas no treinamento esportivo principalmente do alto rendimento levam muitas vezes o atleta não só a alienação,¹³ mas a exaustão física e psíquica, afirma Rittner (in Da Costa, 1997), identificadas por limitações evidentes na performance humana, leva muitas vezes a recorrer ao doping que vence momentaneamente esses limites, e ainda, em busca de reconhecimento social, bloqueando as relações entre mente e corpo, cultura e natureza e indivíduo e sociedade.

Em linhas gerais o esporte no contexto estrutural da atual sociedade, se afasta da perspectiva ambientalista devido à incorporação do comercialismo, profissionalismo e individualismo, que se expressam da seguinte forma, segundo Taffarel (1999):

“O esporte não garante uma atenção ao corpo como parte da natureza humana; O sistema esportivo está perdendo a sua capacidade regulatória nas relações entre atividades corporais e o meio ambiente; O esporte está dissolvendo o seu potencial de socialização; A progressiva instrumentalização do corpo que hoje caracteriza o esporte rejeita as potencialidades da promoção da saúde que reside no interior da atividade esportiva; O esporte contemporâneo contribuiu para a destruição das bases naturais da existência humana, opondo-se as suas próprias tradições e, portanto, perdendo a sua legitimidade social”. (Taffarel, 1999)

Estes elementos demonstram ser o esporte, fenômeno da sociedade capitalista, um potencial destruidor ambiental. A identificação destes elementos nos faz pensar no esporte como uma problemática a ser superada de forma complexa. Este estudo crítico buscou indicar abordagens teóricas da Educação Física que permita reais possibilidades

¹³ Processo pelo qual o ser humano vende sua força de trabalho para ser explorada como meio de produção e passa a não ter mais consciência de sua representação no mundo.

para proporcionar liberdade e ludicidade nas vivências e experiências nas atividades esportivas, compreendendo essas atividades como fenômeno cultural produzido pelo sujeito histórico, o ser humano, e que por isso, pode ser a qualquer momento de tomada de consciência e decisão, ser transformado em espaços de responsabilidade e sensibilidade com a natureza, para a preservação da vida digna.

Tentando entender como o esporte é nocivo à natureza na sua expressão extrínseca, ou seja, sua relação com o meio físico. Encontramos uma importante contribuição, o trabalho do professor Doutor Dieckert,¹⁴ que no Simpósio Internacional sobre Formação de Professores e Intercâmbio Científico e Tecnológico na Área de Educação Física/ Ciências do Esporte¹⁵, indicou, em textos e debates, os motivos pelos quais o esporte quando praticado sem meios de proteção ambiental é nocivo à natureza. Suas análises levam em consideração desde os ambientes esportivos, quanto às práticas, os excessos, a perda de limites e referências humanas. Afirmando que o Esporte torna-se desumano, quando não traz para o “centro” o ser humano, mas sim o esporte “em si”. Até hoje pesquisando sobre a literatura esportiva, especificamente sobre os conceitos sociais, identifica-se déficits que apontam para esta constatação, o ser humano não é o centro. Segundo este pesquisador, a grande revolução de paradigma reside nisto, o ser humano, sua vida digna, em equilíbrio com a natureza, em sistemas de base comunitarista.

Entendendo toda a dinâmica social que o esporte está situado, vale destacar que na década de 70, na cidade de Oldenburg, construía-se uma Universidade totalmente orientada para o se Movimentar e a Harmonia com a Natureza e com as tradições locais. Tratava-se, não somente da observação de uma dimensão social, as práticas corporais e esportivas e seu caráter formador, mas sim de uma visão geral e abrangente de educação e, de totalidade da vida universitária. O que muda toda uma perspectiva de vivências e experiências esportivas e não apenas uma iniciativa de regulamentação, criação de normas ou mesmo código de ética para a prática esportiva destruir menos o ambiente, e sim uma Universidade que altera uma das estruturas formadoras de valorização do esporte, a produção do conhecimento e a formação de professores, alterando a relação desta área com o entorno.

A construção física dos espaços nesta Universidade, mencionada como exemplar nos periódicos na Alemanha, na equipe interdisciplinar, o Professor Doutor Dieckert, um dos principais responsáveis pela concepção filosófica relacionada à formação humana em uma vida de movimento, em equilíbrio com a natureza, com o meio, observa os seguintes pontos¹⁶:

- Uso de terrenos em condições de eficiência máxima;
- Economia no uso de energia;
- Visibilidade e ênfase no cenário natural e tradições locais;
- Planejamento para luz solar passiva;
- Integração com o planejamento urbanístico da cidade;
- Reciclagem de materiais;
- Rejeição a materiais tóxicos;

¹⁴ Outras contribuições do Professor Dieckert para a área de conhecimento esporte e meio ambiente pode ser verificado no apêndice A.

¹⁵ Evento realizado pela LEPEL linha de estudos e pesquisa em educação física esportes e lazer no ano de 22 a 27 de julho de 2002, Universidade Federal da Bahia, cidade de Salvador, Bahia, Brasil.

¹⁶ Os pontos mencionados acima podem ser reconhecidos nas proposições para manejo do meio na construção do ambiente para os Jogos Verdes, os Jogos de Sydney do ano 2000.

- Práticas de gerência responsável pelo lixo;
- Reciclagem de água usada;
- Maximização do transporte público;
- Redução da dependência no automóvel;
- Programação diversificada e multifacetada também para a comunidade.

Outra contribuição importante na discussão vem do Clube de Colônia, na pessoa de Volker Rittner da German Sport University, Universidade de Esportes de Colônia, Alemanha. Este tem promovido ações que merecem destaque: a) esclarecimentos; b) mobilizações; c) intervenções. Elas se desenvolvem por seis modos principais: Análises científicas do problema; Trabalhos interdisciplinares; A apreensão da realidade e as possibilidades ou não de soluções; Cooperação entre centros de decisão em política, cultura e negócios; A informação a grupos representativos dos esportes e da comunidade; A cooperação internacional.

Este trabalho tem consciência dos diferentes problemas e suas áreas, considerando relevante à constituição de grupos de trabalho interdisciplinares concernentes as seguintes problemáticas: *Performance* humana e saúde; Cultura e sistema social; Ética, leis e política; Ecologia e desenvolvimento; Grande mídia e comunicação; Trabalho, tecnologia e economia.

Essas contribuições de fundo causaram impacto no mundo dos esportes. Nas Olimpíadas, no Congresso referente ao Centenário Olímpico, realizado em Paris, 1994 foram identificados fatores essenciais para o desenvolvimento do esporte, entre eles destaca-se o tema do Meio Ambiente. A Carta Olímpica¹⁷, por exemplo, estipula que o Comitê Olímpico deverá “verificar se os jogos Olímpicos são organizados em condições que demonstrem responsabilidade quanto aos assuntos do Meio Ambiente”.

E a partir daí, percebe-se mudança no cenário mundial, quando nas Olimpíadas de 2000, em Sydney, medidas referentes ao Esporte e Natureza foram tomadas. Nela foi previsto a participação de 15.000 atletas e dirigentes de 14 modalidades esportivas, para a locomoção destes, os locais das modalidades esportivas foram inter-relacionadas por caminhadas de duração máxima de 30 minutos. O que evitava o uso de automóveis. Preocupou-se também com um meio de renovação urbana prevendo-se, os seguintes manejos do meio ambiente: Uso de terrenos em condições de eficiência máxima; Economia no uso de energia; Visibilidade e ênfase no cenário natural e tradições locais; Planejamento a luz solar passivo; Integração com o planejamento urbanístico da cidade; Reciclagem de materiais; Rejeição a materiais tóxicos; Práticas de gerência responsável do lixo; Reciclagem de água usada para irrigação; Maximização do transporte público; e Redução da dependência no automóvel. Ainda que essas medidas sejam de mudança de hábito e de conduta ética, reconhecemos que o mundo esportivo inevitavelmente reconhece que ele agride a natureza e que é necessário alterar essa relação, mas não transformações radicais e contextualizadas no mundo social.

Neste sentido, Sallyamne Attkinson¹⁸ apresenta uma análise interessante sobre “Os impactos físicos e o Ambiental”. Afirma que “A diretiva principal dos Jogos refere-se: à promoção da consciência ambiental e de inovações técnicas de proteção ambiental por via de exemplos práticos e de adesão a um conjunto consensual de princípios”. Os Jogos devem ter padrões que respeitem normas de proteção ambiental. Neste movimento se engaja os grupos que lutam pela preservação ambiental, como o

¹⁷ documento fundamental do Movimento Olímpico e da operacionalização do Comitê Internacional Olímpico.

¹⁸ Do Comitê Organizacional dos Jogos Olímpicos de Sydney –2000.

GREENPEACE¹⁹ e as Nações Unidas para o Meio Ambiente, 1992 (RIO 92) que dá suporte teórico e apóia o Comitê quanto à orientação geral das Olimpíadas. A regra geral é ter compromisso com o desenvolvimento sustentável.

Todas essas iniciativas são de grande relevância para o mundo esportivo e suas relações com a natureza, mas elas ainda negligenciam a base material de existência humana, que é o modo de organização social, a produção de riqueza, ou seja, as atividades econômicas que geram e são gerados nestas atividades, e o processo de alienação do ser humano ao vivenciar o esporte. Neste trabalho buscamos reconhecer e situar a discussão, a partir da complexidade do tecido social, nas formas, como o capitalismo se reorganiza, se renova com novos mecanismos para manter a hegemonia, e para um novo modelo de acumulação de capital. As transformações globais têm impacto direto na intervenção estatal, na produção de bens de produção e consumo, no mundo do trabalho, e conseqüentemente, na convivência coletiva, na vida de cada indivíduo, e nas expressões da cultura, no fenômeno esportivo. A reestruturação produtiva representa uma nova estética, uma nova psicologia. Os novos métodos de trabalho não são inseparáveis de um modo específico de viver, de pensar e, de sentir a vida.

Nesse sentido estudos de Taffarel (1999) sobre relações entre esporte e sociedade capitalista nos ajudam a entender, como o esporte pode ser construído com base numa determinada perspectiva econômica e pode conservar atitudes individuais e organizações sociais. Ela destaca a necessidade de reconhecer que o novo tecido social apresenta hoje três complexos sistemas: a) a economia *empresarial capitalista*; b) a economia *estatal* (empresarial-capitalista estatal e empresarial-estatal não regida pelo lucro; c) e a economia *popular*. E pergunta:

“Onde afinal, estamos localizando o esporte neste complexo econômico? De qual esporte estamos falando? O esporte praticado por pouquíssimos homens e mulheres excepcionais, excelentes e, consumido simbolicamente pelas massas através de subprodutos da industrial cultural de massas?”
Taffarel (1999)

Em síntese, mostramos a definição dos três complexos, analisados pela autora: a primeira delas, economia *empresarial capitalista* é baseada na reestruturação produtiva e tem como estratégias a competitividade, a produtividade, a qualidade total, a lucratividade. É extremamente centralizadora e gera uma repercussão social destrutiva catastrófica, visível na crise de desemprego estrutural, na destruição do mundo do trabalho; a segunda, a economia *capitalista Estatal*, por sua vez, é baseada em duas estratégias, uma de cunho lucrativo, imbricada com a economia capitalista monopolista, que visa lucros e hoje tem setores lucrativos nos mecanismos de privatização de empresas estatais de mineração, telefonias, eletricidade, petróleo, e outra de cunho “não lucrativo” como a educação, saúde, previdência, seguridade social, segurança pública, que os Governos aliados com as políticas de Ajustes Estruturais, vêm sistematicamente se desobrigando e forçando a privatização destes setores, que passam a constituir setores lucrativos ao capital; e em terceiro, a economia *popular* cujas estratégias objetivam: a) sobrevivência humana; b) subsistência humana; c) estratégia de vida anticapitalista. A

¹⁹ Organização Não Governamental pela defesa da vida e do ambiente.

autora finaliza afirmando que “o esporte, por sua vez, se manifesta nestas três concepções de economia.”

Concordando com a autora, analisamos as relações e impactos destas economias no mundo esportivo, no qual teremos: a *economia empresarial* capitalista e Esporte consideram o esporte como “negócio do século” porque mobilizam paixões, emoções, frustrações, consumos diversificados ao infinito, enfim grandes negócios. Isto pode ser perfeitamente detectado deste as operações de compra e venda de atletas de alto rendimento, até as empresas de propaganda e na imprensa que vendem sonhos e desejos irrealizáveis.

Para a *economia estatal* representa a mobilização de negócios, uma forma de revitalizar a economia com a geração de empregos e circulação de mercadorias, sejam elas supérfluas ou não. Representa também investir em setores de interesse do grande capital, como por exemplo, a construção de um mega estádio, para as mega estrelas, em detrimento da generalização de espaços urbanos adequados para as práticas corporais comunitárias. Representa também uma forma de controle ideológico via educação, com as campanhas de busca de talentos esportivos, com as campanhas de aceitação passiva da condição de não praticante ativo do esporte, “quem não joga bate palma”.

Para a *economia popular* representa meio de sobrevivência que vai deste o negócio ilegal na compra e venda de ingressos, a venda de “bugigangas” até a venda em massa dos subprodutos da empresa capitalista ligada ao esporte (bebida, cigarro, vestuário) aos negócios das empresas comunicacionais e informacionais e da cultura de massa, das empresas do supérfluo, de fantasias, de ilusões. Significam também meio de subsistência com os pequenos negócios forjados em torno dos grandes espetáculos, o comércio ambulante de alimentação, etc.

Pelo exposto podemos reconhecer que a problemática entre esporte e destruição ambiental, passa pela necessidade de ter como perspectiva um projeto histórico de emancipação humana, o que implica envolver três dimensões simultâneas e interligadas: a) a educação crítica ideológica a favor da emancipação que é a educação popular²⁰; b) a conscientização política que se dá na ação concreta pelas reivindicações; c) a organização social emancipatória.

Significa redimensionar as práticas esportivas e no desenvolvimento de uma lógica da economia popular solidária projetada na emancipação da atual estrutura social pode ser uma possibilidade radical para construções harmônicas entre o ser humano, a natureza e o esporte.

Nesta complexidade: Como se situam o Esporte e a questão ambiental, abordados a partir do complexo social, cultural, da economia capitalista? De que forma estamos querendo que o esporte se constitua na política? Onde afinal, estamos localizando a discussão sobre o esporte de alto rendimento, o esporte espetáculo, o esporte de turismo e esporte ecológico, neste complexo econômico, social e cultural? Que abordagem epistemológica pode pensar um esporte não destrutivo?

POSSIBILIDADES PARA ALTERAR A RELAÇÃO DE DESTRUIÇÃO PELO ESPORTE

Este estudo buscou localizar algumas abordagens sobre Esporte e Meio Ambiente que desconsideram a base econômica e política em suas análises, e consideramos que estas não radicalizam a reflexão e a ação para a construção de uma

²⁰ Educação e Mudança de Paulo Freire e Educação Física Ensino & Mudança do Elenor Kunz.

nova cultura, considerando o esgotamento do processo civilizatório capitalista, alimentando a perspectiva da humanização do capitalismo, via ética ciência educação, regulação/ normatização monitoramento, sem especificação das bases objetivas, materiais e não materiais das conseqüências, buscando a minimização da destruição causada por relações baseadas na lógica do mercado capitalista.

O Esporte de rendimento, o esporte de espetáculo, o esporte turismo, tem por base a economia capitalista e só sobreviverá com base nele e, com ele, expressa suas avassaladoras conseqüências. Dessa forma o esporte é nocivo ao meio ambiente porque, na base, não se assegura o pacto ecológico e social.

A análise crítica de documentos e manifestos mundiais em defesa da preservação da vida e do Meio Ambiente e propõe contribuir cientificamente a partir de ações que valorizem a cultura. No campo esportivo, nos perguntamos que cultura é essa que deve ser valorizada? A cultura capitalista que mantém as relações de alienação no meio esportivo?

Com isso não estamos propondo o fim do esporte, mas estamos tentando entender quais são suas características que permitem oferecer ao ser humano possibilidade de valorização e preservação da vida. Neste caso, este trabalho indica que alguns elementos apresentados por estudiosos da Educação Física crítica pode contribuir para alterar a lógica do esporte e suas relações com a complexidade social. Pois nessa perspectiva o sujeito histórico passa a ser reconhecido pelo próprio ser humano que vivencia e experimenta a atividade esportiva. A abordagem crítica afirma que é necessário valorizar a cultura produzida no cotidiano das pessoas pelo mundo do trabalho da Educação Física. O esporte é redimensionado totalmente para uma atividade livre e criativa, na qual o ser humano é quem determina, cria e recria as regras e as formas de interagir esportivamente, é ele o quem age e transforma a natureza. Segundo Chauí (2001), entender a cultura como processo histórico que tem a capacidade de narrar às tensões reais dos seres humanos, que produzem e reproduzem suas condições materiais de existência, isto é, produzem e reproduzem as relações sociais pelas quais se distinguem da natureza e diferenciam-se uns dos outros em classes sociais antagônicas.

As manifestações da cultura são então tudo isso: a comunicação, o trabalho, relação com o tempo e espaço enquanto valores, criação de formas expressivas para a relação com o outro com o sagrado e com o tempo (a dança, música, rituais, guerra, paz, pintura, escultura, construção da habitação, culinária, tecelagem e vestuário). A proposição é de criação da ordem simbólica da lei, criação de uma ordem simbólica do trabalho, conjunto de práticas, comportamentos ações e instituições pelas quais os humanos se relacionam entre si e com a natureza e dela se distinguem, agindo sobre ela ou através dela, modificando-a. Formando a organização social, sua transformação ou sua conservação para as futuras gerações.

Trabalhar as questões relativas ao ambiente e o esporte como cultura, exige um entendimento das relações sociais em que vivemos e da cultura construída por essas relações. Torna-se importante a valorização da cultura local, através da valorização das manifestações da cultura corporal do livre movimento para compreensão, construção e reificação de uma autêntica cultura de todos.

Concluimos que a educação Física pode fazer algo no seu campo de atuação, e o primeiro passo, para tanto é, a partir da conscientização e do reconhecimento do estado de ser e estar no mundo enquanto ser histórico e cultural, para que se possa construir, compreender e quem sabe transformar as relações atuais esportivas. A questão ambiental no âmbito das práticas esportivas não pode ficar apenas no plano de criação de regras e normas para minimizar os impactos que o esporte causa ao ambiente, pois

segundo nossa análise a questão se mostra mais complexa, a questão da ética esportiva, na sociedade atual, fica diluída nas desigualdades de vida e de oportunidades e representa uma iniciativa que incentiva a criação de mitos e crenças utópicas.

A abordagem crítico emancipatória da educação Física nos indica o fenômeno esportivo como um espaço de expressão cultural onde existem ao mesmo tempo determinações sociais e possibilidades de alteração da sua própria lógica, indicando que o espaço esportivo é também um espaço de resistência e emancipatória, que envolve códigos, sentidos e significados da sociedade que o cria e o pratica. Questionar suas normas, suas condições de adaptação à realidade social e cultural da comunidade que o pratica e o transforma, resgatando dele o valor que privilegiam o coletivo sobre o individual, defendendo o compromisso da solidariedade e respeito humano, compreender de que jogo se faz a dois e de que é preciso jogar com e não contra. Talvez sejam caminhos para refletir sobre como a vivência e experiência livres e criativas podem contribuir com as possibilidades de construir relações mais equilibradas, no que diz respeito, uso e destruição, entre o ser humano e natureza.

Entendemos que existem limites e que como projeto histórico, é a organização econômica não mais centrada na acumulação de bens e de capital, mas na valorização da solidariedade, as iniciativas de cooperação, companheirismo, colaboração, comunidade, comunitarismo, coletividade, coordenação, valores que caracterizam uma ação conjunta e solidária. Esta proposta traz como pressuposto a gênese de uma nova cultura de trabalho, a partir dos quais pode se tornar visível à elaboração de um projeto de desenvolvimento tendo em vista interesses dos setores populares. Isto é, trabalhar e vivenciar o lazer de acordo com a economia popular proposta por Guitierrez e Gadotti (1999) cujas estratégias objetivam: sobrevivência humana; subsistência humana; e estratégia de vida anticapitalista.

Bibliografia

1. BRACHT, Valter. Educação Física & Ciência: cenas de um casamento (in)feliz. Injuí, RS, ed. Unijuí, 1999.
2. BRUHNS, Heloisa Turini. Turismo Lazer e Natureza. Alcyane Marinho, Heloisa Turini Bruhns (orgs.), Barueri, SP, Manole, 2003.
3. CHAUI, Marilena de Souza. Cultura e Democracia: o discurso competente e outras falas. 5ª edição. São Paulo, ed. Cortez, 1990. (Biblioteca de Educação, Série 6. Filosofia. V. 2)
4. _____, Marilena. Convite à Filosofia. São Paulo, ed Ática, 2001.
5. Da COSTA, Lamartine P. Meio Ambiente e Desporto. Uma Perspectiva Internacional. Org. Antônio Marques e Luiza Meirelles. Ed Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física, Universidade do Porto, Portugal. 1997.
6. DARWIN, Charles. A Origem das Espécies. Tradutor: Jonh Green, São Paulo, 1ª edição 1859, Martin Claret Ltda, 2006.
7. DIECKERT, Jurgen et al. Elementos e princípios da Educação física. Rio de Janeiro, ao Livro Técnico, 1986.
8. DOMINGUES. Soraya Corrêa. Cultura Corporal e Meio Ambiente na Formação de Professores. Dissertação de Mestrado do Curso de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Educação, UFBA, BA, 2005.
9. ENGELS, Friedrich. A dialética da Natureza. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1979.

10. FOSTER. John B. A Ecologia de Marx Materialismo e Natureza. Tradução de Maria Tereza Machado. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 2005.
11. GADOTTI, Moacir. Pedagogia da terra. São Paulo, Petrópolis. 2000 (Série Brasil Cidadão).
12. GUITIERREZ, Francisco. Educação comunitária e economia popular. Moacir Gadotti e Francisco Guitierrez (orgs.), São Paulo, Cortez, 1999. (Coleção Questões da Nossa Época).
13. KUNZ, Elenor. Transformação Didático-pedagógica do esporte. Injuí, RS, Ed. Unijuí, 2003.
14. _____. Educação Física. Ensino e Mudança. Ijuí, RS, Unijuí, 2001.
15. KURZ, Robert. O colapso da modernização: da derrocada do socialismo de caserna à crise da economia mundial. São Paulo, Paz e terra, 1992.
16. LEIS, Hector. A Modernidade Insustentável: as críticas do ambientalismo à sociedade contemporânea. Petrópolis, Vozes, 1999.
17. MATURAMA. H. Emoções e Linguagem em Educação e Política, MG, Ed UFMG, 1989.
18. _____. A ontologia da realidade. Humberto Maturana; Cristina Magro, Mirian Graciano e Nelson Vaz (Org.), Belo Horizonte, UFMG, 1997.
19. MARX. Karl. O Capital: Crítica da Economia Política. 8º edição – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
20. RAZETO, Miglkiano. Educacion Popular e Desarrollo Local. Economia de Solidarieda y Organizacion Popular. Santiago de Chile, 1989, mimeografado.
21. SUASSUNA, Dulce. A Relação Corpo Natureza na Modernidade. In: Anais do Congresso Luso-Brasileiro de Ciências Sociais- A Questão Social no Novo Milênio, Coimbra, 2005. Acessado: <http://www.ces.uc.pt/LAB2004>.
22. SILVA, Ana Márcia. Das Relações Estéticas com a Natureza. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Campinas, Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, v. 28, n. 03, 2007.
23. TAFFAREL. Relatório técnico-científico apresentado ao CNPq em 1999. Base da tese de pós-doutoramento apresentado na UFBA para concurso público para professor titular da UFBA. Mimiografado.